

# “Poupança externa financia 40% do déficit dos EUA”

por Ângela Bittencourt  
de São Paulo

“O país mais endividado não é o México nem o Brasil, mas os Estados Unidos, que em final de 1983, por exemplo, acumulavam uma dívida do Tesouro de US\$ 163 bilhões; e de US\$ 279 bilhões do setor privado”, diz o economista Norman Bailey, ex-secretário do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos.

O grande déficit norte-americano e a necessidade de financiá-lo, segundo o economista, têm implicado taxas de juros atraentes o suficiente para atrair recursos externos para o país. O resultado é o fortalecimento do dólar no câmbio internacional, o que dificulta ainda mais o pagamento das amortizações dos países devedores. Ontem, em São Paulo, na abertura do seminário “Alternativas de Reestruturação Econômica Mundial”, Bailey estimou que 40% do déficit norte-americano está sendo financiado com poupança externa.

Além disso, segundo Bailey, outro ponto de dificuldade para os devedores é a austeridade imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). “Diminuir importações drasticamente é causar danos estruturais nas economias, o que poderá trazer deformações permanentes.” Ele citou também as consequências políticas e sociais que resultam deste cenário, como saques no Brasil e golpe na Bolívia.

Bailey pondera que é necessária uma ação política imediata para que as economias dos países endividados retomem o crescimento. Medidas econômicas, nas áreas fiscal e monetária, são essenciais. “Os sistemas fiscais devem ser ajustados de modo a incentivar formação de capital. Nos EUA o projeto de reforma tributária deve-

rá ser aprovado, aumentando o capital produtivo.” Segundo Bailey, a reforma deverá alterar o imposto de renda sobre os juros, inclusive.

O economista norte-americano ponderou na conferência de ontem que os banqueiros começam a se tornar mais flexíveis em relação aos endividados, pois já reconhecem que as dívidas não refletem apenas um problema de liquidez, mas é uma questão estrutural.

“Não há nenhum mal em se pedir emprestado. Até 1973, antes do primeiro choque do petróleo, os emprê-

timos eram sadios. Financiavam-se equipamentos e investimentos. Mas a partir dará os empréstimos começaram a financiar balanços de pagamentos, especialmente, e os bancos centrais não dispõem de retorno para pagar estes empréstimos, que implicam pagamento em dólar e não na moeda do país.”

Pessimista, Bailey observa que o efeito psicológico da alta dos juros internacionais pode até levar a uma ruptura entre credores e devedores, à medida que já existe uma “coalizão” entre os devedores, os quais se reuniram em Car-

tagena pela primeira vez neste ano e que deverão ter seu segundo encontro em Buenos Aires em setembro. Para Bailey os devedores devem assumir uma posição forte, propondo soluções, e não apenas se queixando de que tudo vai mal.

Segundo ele, as dívidas deveriam ser renegociadas com base multianual e com prazos de carência mais longos. Ele acrescenta ainda que os bancos de desenvolvimento precisam ter uma participação maior em relação aos países endividados, cooperando em programas e expandindo o horizonte de tempo do FMI, que é de três anos.